

### A PALAVRA DE DEUS

*Que Deus se comunica com os seres humanos é um elemento óbvio que se encontra nas diversas religiões. A revelação plurissecular feita a Israel, da qual se nutriram Jesus Cristo, os apóstolos e a Igreja do tempo apostólico, expressou essa comunicação com o termo Palavra: a Palavra do Senhor, a Palavra de Deus.*

*A Palavra de Deus foi precisamente o tema da 12ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, acontecida em Roma nos meses de setembro e outubro de 2008. Ao tratar desse tema, o Sínodo dos Bispos retomou e se debruçou de fato sobre a constituição dogmática Dei Verbum do Concílio Vaticano II. No início deste número, focalizado sobre tal Palavra, é importante tecer alguns comentários pertinentes.*

*Antes de mais nada, é da maior importância esclarecer o que de fato se compreende por Palavra de Deus. Acima de tudo, o seu sentido próprio e rigoroso é aquele exemplarmente descrito no prólogo do evangelho de João: “no princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. [...] E a Palavra se fez carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória” (Jo 1,1.14). No seu sentido próprio, portanto, Palavra de Deus designa alguém vivo – Jesus Cristo – e não alguma coisa inanimada, como uma mensagem oral, um texto ou um livro. A própria constituição Dei Verbum dá evidentemente testemunho disso referindo-se à segunda pessoa da Trindade como “Palavra encarnada” (DV 2) e “Palavra eterna” (DV 4).*

*Numa sua obra clássica de 1980 (La Parola di Dio alle origini della Chiesa), o cardeal Carlo Martini já notava que todas as demais legítimas acepções de Palavra de Deus são analógicas, na medida em que referem alguma coisa que se vincula àquele alguém vivo – Cristo – que é a Palavra de Deus por excelência. A constituição Dei Verbum ensina nesse sentido que, efe-*

tivamente, tanto a Sagrada Escritura como a Sagrada Tradição são Palavra de Deus (cf. DV 9 e 10). Não porém duas Palavras de Deus, mas sim um “único depósito sagrado da Palavra de Deus confiado à Igreja” (DV 10). A Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição, de fato, “derivam da mesma nascente divina e fazem como que uma coisa só” (DV 9).

Por sua vez, já nos Padres da Igreja encontramos a famosa figura das sementes da Palavra, presentes fora da revelação acontecida em Israel e na Igreja do tempo dos apóstolos. Tais sementes da Palavra de Deus atestam a presença da Palavra de Deus além dos quadros do cristianismo. Já João Paulo II o fazia recordar em 1990 na sua encíclica *Redemptoris Missio*: “É o Espírito que infunde as sementes da Palavra, presentes nos ritos e nas culturas, e as faz maturar em Cristo. [...] Tudo quanto o Espírito opera no coração dos homens e na história dos povos, nas culturas e religiões, assume um papel de preparação evangélica, e não pode deixar de se referir a Cristo” (RM 28.29).

Essas primeiras considerações sobre o sentido próprio e os sentidos analógicos de Palavra de Deus são da maior importância porque, de todos estes elementos basilares da fé e da doutrina cristã, a recepção do Povo de Deus se faz em geral voltada a uma só parte. A compreensão mais generalizada de Palavra de Deus a entende apenas como um equivalente de Sagrada Escritura. Se fizéssemos uma pesquisa de opinião entre cristãos de todo o mundo, a grande maioria diria provavelmente que “Palavra de Deus é só a Bíblia”. Nesse campo, duas noções tiveram escassa penetração. Uma, que Jesus de Nazaré é a Palavra de Deus por excelência, que ele é o sentido próprio e rigoroso da expressão Palavra de Deus. Outra, que a Sagrada Tradição não só é também Palavra de Deus com a Bíblia, mas que precede cronologicamente a Sagrada Escritura e é como que o berço desta. Mais de quarenta anos depois do Concílio Vaticano II, a questão da sua recepção – que em geral ainda não está totalmente feita – adquire portanto objetividade neste ponto em particular, além de outros que veremos a seguir.

É importante lembrar que um dos grandes passos empreendidos pela constituição *Dei Verbum* foi sem dúvida a reaproximação com a Sagrada Escritura. Em termos de extensão, a maior parte da constituição conciliar – que tem como tema geral a Palavra de Deus – é centrada sobre a Bíblia. Desde o seu terceiro capítulo até o sexto e último, a exposição da *Dei Verbum* focaliza efetivamente a Escritura; os títulos desses capítulos são: “A inspiração divina da Sagrada Escritura e a sua interpretação”, “O Antigo Testamento”, “O Novo Testamento” e “A Sagrada Escritura na vida da Igreja”. Tal ênfase na Sagrada Escritura representou sem dúvida um grande avanço na época do Vaticano II, quando a Bíblia geralmente não tinha para os católicos a importância que tem hoje. Essa ênfase – positiva e necessária – na Sagrada Escritura gerou por um lado muitos frutos, mas

por outro lado foi talvez uma das causas involuntárias daquela generalizada compreensão atual de Palavra de Deus como equivalente a Bíblia.

Por um lado, entre os muitos frutos dados por tal ênfase na Sagrada Escritura, gostaríamos de destacar o período muito fecundo que se abriu para a leitura da Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura. O convite – feito pela Dei Verbum no seu sexto capítulo – ao acesso dos fiéis à Bíblia fez com que, de fato, ela passasse a se encontrar na mão do povo, como se costuma dizer. Como é belo ver, nas famílias e nos fiéis de nossas comunidades, exemplares usados e gastos devido ao tanto manuseio. Algumas pessoas simples de nossas comunidades de baixa renda têm grande capacidade de interpretar corretamente a Sagrada Escritura e de deixar que a Palavra de Deus germine e fecunde a existência humana em sintonia efetiva com o que de mais central se encontra na Boa-Notícia trazida por Jesus de Nazaré. Registre-se a esse respeito que, na 12ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, as contribuições mais fecundas provieram em geral das Igrejas do Terceiro Mundo – Ásia, África e América Latina – e que não muito foi ali oferecido de substancial pela escola da clássica hermenêutica rigorosamente científica. Sem negar o valor da exegese rigorosa e acadêmica – que tanto já trouxe de importante e fundamental nos últimos cento e cinquenta anos – vai ficando porém cada vez mais evidente que a legítima e apropriada hermenêutica da Sagrada Escritura pressupõe e exige muito mais do que o mero conhecimento a fundo da hermenêutica rigorosamente científica.

No campo católico, o valor da exegese rigorosa e acadêmica se faz hoje em dia palpável sobretudo em contraposição aos grupos que, vinculados a movimentos em geral pouco interessados na atividade intelectual, leem e interpretam a Sagrada Escritura em modo fundamentalista. É este sem dúvida um desafio pastoral relevante que não cessa de se intensificar.

A ênfase na Sagrada Escritura traz também a questão da liturgia como momento e local privilegiado para a leitura, escuta e interpretação da Palavra de Deus. Karl Rahner (em *Was ist ein Sakrament?*) lembrava que a máxima densidade da Palavra de Deus, no sentido da sua visibilidade e efetividade, é aquela sacramental. A preparação dos leitores e dos ministros da Palavra é, portanto, algo que não poderia nunca ser deixado de lado, assim como a presença de condições adequadas para uma escuta tranquila e atenta daquilo que se proclama. Mas o problema mais universal a esse respeito é o da qualidade das homilias – momento crucial para a interpretação da Palavra – que hoje em dia tendem universalmente a ser sofríveis. A melhor preparação dos pastores do rebanho nesse sentido poderia ser um dos frutos do Sínodo.

Ainda a respeito da ênfase na Sagrada Escritura, a constituição Dei Verbum retomou um sábio ensinamento de Leão XIII na encíclica Providentissimus Deus de 1893 e ressaltou que “o estudo dos Sagrados Livros deve ser como

que a alma da Sagrada Teologia” (DV 24). Ainda hoje, essa antiga e conhecida afirmação possui porém a força da novidade de uma afirmação profética pouco posta em prática. Se, por exemplo, considerarmos a situação da Teologia Fundamental, veremos que os frutos de tal ênfase na Sagrada Escritura são cada vez mais escassos. Por determinados motivos, os manuais de Teologia Fundamental esquecem em geral tal princípio da Bíblia como alma da teologia e, efetivamente, adotam como sua alma, isto sim, outros campos do saber, como as ciências ou a filosofia. Desse modo, pouco se aprofunda a concepção bíblica de revelação e a evolução plurifacetada da reflexão e da apresentação dos teólogos que, desde o início da era cristã, trataram o tema. Décadas depois do Vaticano II, o estado incompleto da sua recepção se verifica também nesses pontos em particular.

Por outro lado, dissemos que a ênfase na Sagrada Escritura foi talvez uma das causas involuntárias daquela generalizada e reductiva compreensão atual de Palavra de Deus como equivalente a Bíblia. Essa costumeira compreensão atual deixa na penumbra acepções essenciais da expressão Palavra de Deus. A acepção de Palavra de Deus mais deixada na penumbra na recepção do Concílio Vaticano II foi talvez a de Sagrada Tradição. O próprio conceito teológico de Tradição raramente aparece exposto em modo suficientemente claro nos livros de teologia. Sendo Palavra de Deus uma expressão para se referir à comunicação dialogal de Deus com os seres humanos, a consideração do conceito teológico de Tradição é uma ocasião privilegiada para se apresentar o caráter vivo e atual de tal comunicação dialogal. Por Sagrada Tradição não se compreende de modo algum a transmissão e a conservação de relíquias do passado, como num museu. Por meio da Sagrada Tradição, como diz a Dei Verbum, “Deus, que outrora falou, dialoga sem interrupção com a esposa do seu amado Filho” (DV 8). A Tradição é portanto o fenômeno da experiência – eclesial, viva e atual – de Deus, bem ali onde acontece a comunicação dialogal de Deus com as gerações de cada tempo da Igreja, e por conseguinte também com aquelas do nosso tempo presente. A definição mais clara surgida no pós-concílio é ainda aquela da Comissão Teológica Internacional em 1989 (cf. A interpretação dos dogmas): “A Tradição (Parádosis) é, em último termo, a autocomunicação de Deus Pai por Jesus Cristo no Espírito Santo, para uma presença sempre nova na comunhão da Igreja”. Ainda assim, mesmo entre os pastores do rebanho e os teólogos, talvez não poucos relutariam a qualificar a Sagrada Tradição como Palavra de Deus, mesmo que isso tenha sido claramente manifestado pela constituição Dei Verbum, como já foi visto mais atrás: a Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição são um “único depósito sagrado da Palavra de Deus confiado à Igreja” (DV 10) e “derivam da mesma nascente divina e fazem como que uma coisa só” (DV 9). Pois é nessa Sagrada Tradição que a Sagrada Escritura precisa ser interpretada, de modo a conduzir eficazmente à Palavra de Deus por excelência, Jesus Cristo.

*A Sagrada Tradição como Palavra de Deus leva também à pergunta sobre a imagem de Deus que o cristão nutre quando se insere em tal comunicação dialogal do Senhor com a Igreja. A plenitude da revelação acontecida em Jesus de Nazaré mostra um Deus cuja essência é o amor transbordante até mesmo em relação aos ingratos e aos maus (cf. Lc 6,35); um Deus que age com mansidão e humildade (cf. Mt 11,29) e como aquele que serve (cf. Lc 22, 25-27 e Fl 2,3-5); um Deus que dá gratuitamente a sua vida por nós (cf. 1Jo 3,16), e de modo especial pelos mais necessitados (cf. Lc 7,22-23); um Deus cujo modo de proceder gratuitamente amoroso é considerado pela sociedade como vil e desprezado (cf. 1Cor 1,28). Para ser fiel à Sagrada Tradição, fiel à experiência viva e atual do diálogo com o Autor da Vida, a Igreja quer realmente se deixar converter e questionar por um Deus assim? A conversão nessa linha é condição indispensável para a missão e a credibilidade da Igreja. Inspirada no título do sexto capítulo da Dei Verbum, a 12ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos teve como lema a frase “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”. A inclusão do termo missão foi intencional. Pois a missão da Igreja contemporânea seria mais felizmente levada adiante se fosse afirmativa a resposta àquela pergunta sobre converter-se e questionar-se por um Deus assim. Não raro, de fato, a resistência à Igreja e o secularismo são devidos – entre outros motivos – a também uma ausência de conversão eclesial naquele sentido. Eis aí mais elementos para uma renovada recepção do Vaticano II.*

*Uma outra consideração importante é que a sabedoria da constituição dogmática Dei Verbum insistiu em vincular o Magistério à Palavra de Deus composta pela Sagrada Tradição e pela Sagrada Escritura. Sem dúvida distinto da Palavra de Deus, o Magistério é porém quem dá a interpretação definitiva daquela. Com os termos da constituição conciliar, “o Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas a esta serve” (DV 10). Tal princípio ajuda a evitar dois extremos bastante atuais e igualmente problemáticos. Por um lado, ajuda sabiamente a evitar uma efetiva colocação do Magistério no mesmo nível da Palavra de Deus. Trata-se da atitude de absolutizar o Magistério, considerando-o na prática em um modo semelhante àquela com que alguns evangélicos das novas correntes consideram o texto bíblico. Por outro lado, tal princípio ajuda também sabiamente a evitar a atitude oposta de simplesmente desconsiderar as orientações do Magistério. Trata-se da atitude chamada por vezes de fé adulta, e sobre a qual Bento XVI fez recentemente um comentário perspicaz na sua homília de 28 de junho de 2009. O papa comentou que tal difundida expressão é compreendida frequentemente como a atitude de quem não dá mais ouvidos à Igreja e aos seus pastores, mas sim que escolhe em modo autônomo aquilo em que deseja crer ou não crer. Classificando tal fenômeno como “fé do tipo auto-serviço”, o papa então observa: “isso vem apresentado como coragem de se expressar contra o Magistério da Igreja. Na verdade, porém, para isso não é necessário coragem, porque sempre se poderá ter a certeza de ser publicamente aplaudido. Ao contrário, é necessário cora-*

gem para aderir à fé da Igreja mesmo quando essa contradiz os esquemas do mundo contemporâneo”. Bento XVI recorda então que esse não-conformismo da fé, isto sim, é que vem chamado pelo apóstolo Paulo de fé adulta em Ef 4,14. O apóstolo julga ali como infantil, ao contrário, o ficar seguindo a onda e as correntes do tempo. O papa conclui com dois exemplos de uma autêntica e verdadeira fé adulta nos tempos atuais. Um, em defesa das criaturas humanas mais indefesas, é o comprometimento com a inviolabilidade da vida humana desde seu primeiro momento. Outro é a aceitação do matrimônio entre uma mulher e um homem por toda a vida como sendo algo estabelecido pelo Criador e restabelecido por Cristo.

Por fim, poder-se-ia colocar novamente a antiga questão de serem lidos ou não, na liturgia, os textos violentos e duros da Palavra de Deus escrita, em especial aqueles do Antigo Testamento nos quais a letra da Sagrada Escritura nos faz ver uma imagem cruel de Deus. A boa interpretação de tais textos sempre deveria excluir a sua compreensão imediata e superficial. Para uma compreensão adequada daquelas passagens, poder-se-ia começar com uma chave que é mais uma daquelas importantes passagens da constituição dogmática Dei Verbum cuja recepção foi em geral deixada na penumbra. O documento conciliar recorda que os livros do Antigo Testamento “contêm também coisas imperfeitas e transitórias” (DV 15). Talvez a “coisa imperfeita e transitória” mais importante a ser indicada seja o binômio bênção e maldição que se encontra presente mesmo na letra da Sagrada Escritura (cf. por exemplo a aliança de Moab – Dt 28,69-30,20 – e as prescrições de Dt 27-28 e Lv 26,3-46). Como já observou o biblista Norbert Lohfink (em *Über die Irrtumslosigkeit und die Einheit der Schrift*), em passagens desse tipo “a consideração dos gêneros literários ajuda só em casos marginais. Aquelas concepções e afirmações encontram-se quase sempre no centro da intenção do autor humano”. Tal binômio bênção e maldição configurou a alma e o coração de Israel e do Templo de Jerusalém. Era a teologia vigente no povo eleito quando da vinda de Jesus Cristo, o qual foi perseguido e condenado à morte em nome de Deus por pessoas que tinham o binômio bênção e maldição como que cristalizado em si. Todas as passagens violentas do Antigo Testamento, e todos os seus trechos cuja letra faz ver uma imagem cruel de Deus, nada mais são do que expressões desse binômio bênção e maldição, o qual foi porém apenas uma “coisa imperfeita e transitória” da revelação de Deus à humanidade. Contraposto a tal binômio bênção e maldição está o que Jesus de Nazaré – a Palavra de Deus por excelência – revelou em plenitude a respeito da divindade, a saber: a Nova Aliança do Deus que eternamente ama até mesmo os pecadores, e a estes faz gratuitamente o bem porque é amor gratuito e eterno. O núcleo da Boa-Notícia revelada por Cristo compõe-se precisamente deste feliz anúncio: “amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem; desse modo vocês se tornarão filhos do Pai que está nos céus, porque Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,44-45), ou mais brevemente, “Deus

*é bom para com os ingratos e maus” (Lc 6,35). A interpretação dos trechos violentos da Sagrada Escritura requer, portanto, uma dinâmica apresentação teológica do gradual e unitário processo revelativo que aconteceu em Israel e que culminou em Cristo. Típica da Dei Verbum, a apresentação dinâmica de tal processo revelativo poderia destarte dar ainda mais frutos do que realmente já deu até hoje.*

*O Vaticano II ainda está sendo recebido. Vimos aqui apenas alguns pontos de um único documento – aquele sobre a Palavra de Deus – cuja recepção poderia ser mais profunda. Queira Deus que a 12ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que teve como foco tal Palavra de Deus e se debruçou efetivamente sobre a constituição dogmática Dei Verbum, possa dar frutos para tal renovada e aprofundada recepção do concílio. Mas a Dei Verbum é apenas um dos dois esteios do Vaticano II. Ao outro pilar (a constituição dogmática Lumen Gentium) e às demais constituições, decretos e declarações conviria que viessem também dirigidos os renovados esforços de compreensão, acolhida e colocação em prática.*

# COLEÇÃO THEOLOGICA

A coleção THEOLOGICA, sob responsabilidade da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, divulga obras científicas no campo da teologia, produzidas por especialistas de renome, brasileiros ou estrangeiros, e destinadas em primeiro lugar às Faculdades e Institutos de Teologia e/ou Ciências da Religião, bem como aos pastores e estudiosos de teologia em geral. Tornando acessível os novos estudos, procura incentivar a pesquisa e discussão em nível científico.

## TÍTULOS PUBLICADOS:

**Eu creio, nós cremos. Tratado da fé** (J. B. Libanio)

**As lógicas da cidade** (J. B. Libanio)

**Inculturação da fé. Uma abordagem teológica** (Mario de França Miranda)

**Nas fontes da vida cristã. Uma teologia do batismo-crisma** (Francisco Taborda)

**Crer no amor universal. Visão histórica, social e ecumênica do "Creio em Deus Pai"**  
(Carlos Josaphat)

**Igreja, povo santo e pecador** (Álvaro Barreiro)

**Jesus e a Política da Interpretação** (Elisabeth Schüssler Fiorenza)

**A religião no início do milênio** (J. B. Libanio)

**Olhando para o futuro** (J. B. Libanio)

**"Num só corpo". Tratado mistagógico sobre a eucaristia** (Cesare Giraudo)

**O Cristianismo e as religiões. Do desencontro ao encontro** (Jacques Dupuis)

**A salvação de Jesus Cristo. A doutrina da graça** (Mario de França Miranda)

**Karl Rahner em perspectiva** (Pedro Rubens / Claudio Paul)

**O Deus vivo e verdadeiro** (Luis F. Ladaria)

**Conclio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão** (J.B. Libanio)

**Karl Rahner - 100 anos. Teologia, filosofia e experiência espiritual** (Pedro Rubens / Francisco Taborda)

**A Igreja numa sociedade fragmentada. Escritos Eclesiológicos** (Mario de França Miranda)

**Do viver apático ao viver simpático. Sofrimento e morte** (Edson Fernando de Almeida)

**Os carismas na Igreja do terceiro milênio: Discernimento, desafios e práxis** (J. B. Libanio)

**O Deus im-potente. O sofrimento e o mal em confronto com a cruz** (Paulo Roberto Gomes)

**Sabedoria da paz. Ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas** (Nilo Ribeiro Junior)

**O homem que vinha de Deus** (Joseph Moingt)

**Pastoral nas Megacidades - um desafio para a Igreja na America Latina** (Brigitte Saviano)

**Rumo a uma Igreja verdadeiramente católica** (Thomas P. Rausch)

**A Trindade - mistério de comunhão** (Luis F. Ladaria)

**O corpo de carne - As dimensões ética, estética e espiritual do amor** (Xavier Lacroix)

**Eukharistia - Verdade e caminho da Igreja** (J.A. Ruiz de Gopegui)

**O memorial da Páscoa do Senhor - Ensaio litúrgico-teológicos sobre a eucaristia** (Francisco Taborda)